

EMPATIA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA A PARTIR DA PERCEPÇÃO DA MÃE: UM ESTUDO DE CASO

Vitória Nunes Vidal¹
Isabel Maria Conceição Silvano²
Cleomayra Tomaz da Silva³
Edizângela de Fátima Cruz de Souza⁴
Lilian Kelly de Sousa Galvão⁵

RESUMO

A empatia pode ser definida como a empatia afetiva, que se refere à habilidade de uma pessoa se sensibilizar com o sofrimento alheio, e a empatia cognitiva, que permite que o indivíduo se coloque no lugar do outro, entenda seus sentimentos e ofereça uma resposta mais apropriada para a situação do próximo do que para a sua própria situação. Esse estudo teve o objetivo de analisar o desenvolvimento empático de um adolescente diagnosticado com autismo, segundo a percepção de sua mãe. Trata-se de um delineamento qualitativo, do tipo estudo de caso, que contou com a participação de uma mãe de 46 anos de idade, cujo filho é um adolescente de 14 anos, do sexo masculino, diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA), nível de suporte 1. Os instrumentos utilizados foram questões qualitativas exploratórias das dimensões da empatia (consideração empática, tomada de perspectiva, angústia pessoal e fantasia) e um questionário sociodemográfico para averiguar o perfil da mãe e de seu filho e analisar características clínicas do adolescente. Segundo o relato de sua genitora, o adolescente se incomoda ao observar o sofrimento de outra pessoa se sentindo triste, tendo como reação “o falar no assunto repetidas vezes”. Também interage com personagens de filmes, séries e desenhos, manifestando emoções (exemplo: choro e sorriso) e interesse em dividir o que lhe chamou a atenção. Sobre as motivações pró-sociais, demonstra preocupação em dividir sua comida e roupa com pessoas que não tem uma boa qualidade de vida e em ajudar idosos a atravessar a rua. De acordo com os dados analisados, a mãe considera o filho com a habilidade empática bem desenvolvida, mesmo tendo ciência que o autismo dificulta a socialização, e atribui esse bom desenvolvimento às intervenções terapêuticas que ele vem se submetendo ao longo dos anos.

Palavras-chave: Empatia, Transtorno do Espectro Autista, Percepção materna.

¹ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - PB, vickynunesvidal@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - PB, isabelconceicaoosilv@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - PB, cleomayra.tomaz@academico.ufpb.br;

⁴ Mestranda do Curso de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba - PB, edizangela.cruz@outlook.com;

⁵ Professora orientadora, Doutora em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba - PB, liliangalvao@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

De acordo com Santos-Dias (2022), a importância da empatia está relacionada às habilidades de compreender e conviver com as diferenças, de se aproximar de alguém e de exercitar comportamentos de atenção, escuta e cuidado. Essa perspectiva não apenas reflete uma melhoria nas funções psicológicas superiores, mas também um progresso no desenvolvimento moral. Entretanto, a definição exata da empatia é desafiadora devido à sua extensa história tanto na filosofia quanto na psicologia, e também porque o termo “empatia” não tem um significado uniforme, além disso, existem várias definições de empatia que circulam no mesmo âmbito, tornando parte da tarefa separar algumas dessas concepções, segundo Coplan (2011).

A manifestação da empatia pode variar entre os indivíduos devido às influências sociais, não sendo determinada exclusivamente por fatores biológicos. Tanto os fatores ambientais quanto sociais desempenham um papel relevante na promoção dos processos de aprendizagem que culminam no desenvolvimento do comportamento empático (Filgueiras et al., 2019). Por meio de moldagem, vivências, educação, normas sociais, mídia e interações sociais, é possível que as pessoas aprimorem sua aptidão em compreender e se conectar com os sentimentos e perspectivas alheias.

O comportamento empático é um fenômeno complexo e necessário, especialmente em contextos escolares, ao desempenhar um papel importante ao facilitar a compreensão dos pensamentos e intenções dos outros, conforme relatado por Santos-Dias (2022). Esta capacidade de se colocar no lugar do outro não só enriquece a experiência humana, mas também nutre um ambiente propício para o aprendizado, o crescimento emocional e a construção de uma comunidade escolar baseada na compreensão e no apoio mútuos.

A empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro, tentar compreender as pessoas não apenas por uma única situação, mas também se basear na experiência e valores dos outros, desempenhando um papel fundamental na gestão dos relacionamentos, bem como na compreensão dos sentimentos e perspectivas do próximo (Barea, 2015). Essa capacidade possibilita a construção de conexões mais profundas e genuínas com as demais pessoas ao redor. Há em dois componentes para explicar tal capacidade, o afetivo, denominado pela habilidade de se sensibilizar com a dor do outro; e o cognitivo, que se baseia no indivíduo capaz de se colocar no lugar do outro (Hoffman 2000).

Nessa sequência, segundo Davis (1980), a empatia afetiva abrange as dimensões da angústia pessoal e da consideração empática. A angústia pessoal se refere ao sentimento de desconforto diante das emoções negativas do outro. Enquanto a consideração empática diz

respeito a capacidade de compreender o que o outro sente e se motivar para ajudá-lo (Davis, 1980).

Já a dimensão cognitiva se divide nas dimensões tomada de perspectiva e fantasia. A tomada de perspectiva, classificada como a habilidade cognitiva de inferir os pensamentos e sentimentos do outro, bem como contribui na resolução de conflitos interpessoais, e a fantasia, representada pela habilidade de se identificar ou se colocar no lugar de personagens fictícios como filmes e séries.

Pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA 2022), detêm um potencializador com desafios nas áreas de interação social e de comunicação, se manifestando em déficits específicos na habilidade de formar, manter e compreender relacionamentos interpessoais, bem como na reciprocidade socioemocional. Essa condição é reconhecida como um distúrbio do neurodesenvolvimento, impactando o funcionamento e a adaptação das pessoas afetadas em diversos aspectos da vida cotidiana.

Existem três níveis no Transtorno do Espectro Autista, levando em consideração a autonomia e a necessidade de assistência. No primeiro nível, os indivíduos apresentam déficits na comunicação social, o que podem causar prejuízos significativos, além de dificuldades para iniciar interações sociais e inflexibilidade no comportamento, porém, não há necessidade de suporte, pois o indivíduo possui autonomia e independência no seu cotidiano. Já no nível 2, há déficits consideráveis nas habilidades de comunicação verbal e não verbal, as relações sociais são prejudicadas mesmo com apoio, são frequentes os comportamentos que interferem nas atividades diárias e são perceptíveis ao observador casual, necessitando de apoio substancial. No Nível 3, a pessoa apresenta déficits graves nas habilidades de comunicação verbal e não-verbal resultantes em prejuízo significativo no funcionamento e, portanto, requer apoio substancial (APA 2022).

De acordo com Geremias (2017), as pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrentam obstáculos para expressar empatia, imitar comportamentos, adotar perspectivas alheias e compreender tanto seus próprios estados mentais quanto os dos outros. Essas dificuldades contribuem para comportamentos mais retraídos e isolados, prejudicando, sobretudo, os processos de aprendizagem que desempenham um papel crucial na construção tanto do mundo interno como externo desses indivíduos. O impacto dessas limitações destaca a importância de abordagens específicas e personalizadas para apoiar o desenvolvimento e o bem-estar das pessoas com TEA, considerando as particularidades que permeiam suas interações sociais e processos cognitivos.

Conforme abordado por Perreira (2009), o estudo de caso é uma técnica metodológica de pesquisa, que se baseia na análise de eventos reais, visando explicar, explorar ou descrever fenômenos atuais inseridos em seu próprio contexto. Este método destaca-se pela capacidade de oferecer uma compreensão abrangente e contextualizada, permitindo uma análise minuciosa de situações específicas que contribuem significativamente para o entendimento mais amplo e holístico de diferentes fenômenos.

“O Estudo de Caso oferece a possibilidade de alargamento da visão, apreendendo o indivíduo em sua integridade e em seu contexto. A estratégia permite a análise da dinâmica dos processos em sua complexidade, o que constitui sua condição específica de contribuição à construção do conhecimento científico” (Pereira, 2009. P. 428).

Nesta perspectiva, o presente estudo teve como objetivo compreender a percepção materna de um adolescente com TEA, analisando aspectos relacionados à empatia afetiva (angústia pessoal e consideração empática) e à empatia cognitiva (tomada de perspectiva e fantasia), visando compreender como essa mãe percebe a empatia no seu filho.

METODOLOGIA

Participante

Participou deste estudo uma mãe de 46 anos de idade, cujo filho é um adolescente de 14 anos, do sexo masculino, diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) aos 3 anos de idade. Quanto ao estado civil, a mãe é casada, e em relação à ocupação, atua profissionalmente como professora. Em relação à renda familiar mensal, informou ter um rendimento entre 1 e 3 salários mínimos (R\$1.325,00). No que diz respeito à religião e ao nível de educação, a participante se descreve como católica e possui pós-graduação. Quanto ao seu filho, a participante afirmou que ele é do sexo masculino, frequenta uma escola pública e está cursando o 7º ano do Ensino Fundamental II. Ele já repetiu duas vezes uma série escolar. Além disso, o seu filho apresenta o nível de suporte 1 e realiza diversos tratamentos interventivos.

Instrumentos

Para obter os dados, foram utilizados os seguintes instrumentos: um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada. O questionário sociodemográfico coletou informações sobre o perfil da mãe: estado civil, escolaridade e idade, assim como o perfil do

filho adolescente: sexo, idade, escolaridade, idade que recebeu o diagnóstico de TEA, nível de suporte, terapias que realiza, comorbidades e características clínicas. Enquanto a entrevista semiestruturada, coletou informações, a partir de questões qualitativas, relacionadas às dimensões da empatia afetiva e cognitiva (consideração empática, tomada de perspectiva, angústia pessoal e fantasia).

Procedimento

Foram realizadas todas as etapas éticas provenientes das recomendações da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016). Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CAAE: 58608322.7.0000.5188), à mãe participante leu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A entrevista foi realizada de modo individual, em um ambiente adequado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação à dimensão angústia pessoal, conforme os relatos da genitora, o adolescente manifesta um evidente desconforto ao testemunhar o sofrimento alheio, demonstrando se sentir triste e deprimido, tendo a reação de falar do assunto repetidas vezes. Apresenta um incômodo tão significativo que, mesmo um acontecimento ocorrido na infância, possui relevância na atualidade. Quanto à dimensão fantasia, de acordo com a percepção materna, o filho interage com personagens de filmes, séries e desenhos, manifestando emoções (exemplo: choro e sorriso) e interesse em dividir o que lhe chamou a atenção. Nesse sentido, segundo o relato da mãe, tanto a habilidade de sentir angústia, quanto a habilidade de se identificar ou se colocar no lugar de personagens fictícios parecem estar preservadas no adolescente com TEA.

No que se refere à dimensão consideração empática, segunda a mãe, o adolescente com TEA demonstra uma inclinação para ações altruístas, como o interesse em compartilhar comida e roupas com pessoas que enfrentam condições de vida desfavoráveis. Além disso, ao presenciar um idoso atravessando a rua, sente-se motivado a ir ao seu encontro e oferecer ajuda. Desse modo, na análise da mãe, a capacidade de entender o que o outro sente e se sentir compelido a ajudar, bem como a habilidade cognitiva de inferir os pensamentos e sentimentos do outro, são características presentes nesse adolescente.

Ademais, a mãe descreve a alteração marcante no comportamento empático após submeter-se a um tratamento interventivo abrangente, envolvendo vários profissionais, como

fonoaudiólogos, psicólogos e terapeutas ocupacionais. Segundo Santos (2017), as intervenções comportamentais no tratamento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) são conduzidas por psicólogos em colaboração com uma equipe multidisciplinar e a família do indivíduo com TEA. Essas intervenções podem trazer benefícios significativos às pessoas com TEA, auxiliando-as no desenvolvimento de habilidades deficitárias, como a comunicação, interação social e comportamentos adaptativos. Ademais, um diagnóstico e tratamento precoce podem aumentar consideravelmente as chances de sucesso dessas intervenções e melhorar a qualidade de vida tanto dos portadores quanto de seus familiares.

Pesquisas presentes na literatura, como a de Bos (2018), revelam que as pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentam pontuações significativamente mais baixas em medidas de empatia cognitiva e empatia afetiva em comparação com o grupo controle. Essa constatação ressalta a presença de uma dificuldade específica para os indivíduos com TEA em compreender e responder emocionalmente às experiências dos outros, quando comparados aos participantes do grupo controle.

Enquanto na pesquisa conduzida por Senland (2013), os resultados demonstram que os indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) se percebem como tendo preocupação empática, entretanto, enfrentam dificuldades para efetivamente usar esses sentimentos a fim de apoiar suas ações em situações sociomoraes desafiadoras espontâneas. Essa observação aponta para a existência de um senso de empatia entre as pessoas com TEA, destacando, no entanto, os obstáculos encontrados na aplicação dessa capacidade em contextos sociais complexos e ambíguos.

Outrossim, Jones et al. (2010) destacam que os indivíduos com TEA enfrentam dificuldades na dimensão da empatia cognitiva, no entanto, não foram identificadas diferenças significativas em relação à empatia afetiva quando comparados a indivíduos com desenvolvimento típico. Esta constatação ressalta a complexidade da experiência empática no contexto do TEA, indicando que, embora existam desafios em compreender cognitivamente as experiências dos outros, a dimensão afetiva da empatia pode não apresentar divergências substanciais.

Apesar do estudo de caso aqui analisado, não ter o caráter comparativo como os estudos apresentados, parece que o adolescente com TEA avaliado, não apresenta dificuldades nas diferentes dimensões empáticas que o diferencie de uma pessoa com desenvolvimento típico. Nesse sentido, sublinha-se a importância de mais pesquisas sobre esse tema. A escassez de estudos acerca da empatia em pessoas com autismo, como apontado por Roza e Guimarães (2021), destaca a necessidade premente de investigações mais

aprofundadas para uma compreensão abrangente dos fenômenos relacionados à empatia no contexto do TEA, promovendo, assim, uma base para estratégias de intervenção personalizadas e eficazes.

Em síntese, a literatura científica revela que os indivíduos com TEA podem enfrentar desafios específicos em relação à compreensão e resposta emocional, quando comparados com pessoas com desenvolvimento típico, no entanto, conseguem sentir empatia diante do sofrimento alheio e de se colocar mentalmente no lugar de outras pessoas para entender suas vivências (Kilroy et al., 2022; Vilas et al., 2021). Desse modo, os dados deste estudo e de outras pesquisas destacam que indivíduos com Transtorno do Espectro Autista são capazes de experimentar empatia, podendo, no entanto, expressá-la de maneira distinta em comparação com aqueles com desenvolvimento típico. Essa diferenciação na expressão da empatia entre esses dois grupos indica a complexidade e diversidade das experiências emocionais e sociais no espectro autista, ressaltando a importância de uma compreensão aprofundada e personalizada desse aspecto fundamental do comportamento humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, o presente estudo alcançou seu objetivo ao investigar um caso, proporcionando uma visão abrangente do indivíduo e de seu contexto. A mudança positiva de comportamento atribuída ao tratamento adequado sugere que intervenções específicas podem ter um grande impacto no desenvolvimento da empatia em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Contudo, é imperativo reconhecer as limitações desta pesquisa, notadamente pelo fato de se basear na percepção materna e não na perspectiva direta do indivíduo em questão.

Recomenda-se que futuras pesquisas se aprofundem nos resultados apresentados, visando aprimorar a compreensão do fenômeno estudado e considerando uma gama mais ampla de perspectivas, incluindo a autopercepção dos indivíduos com TEA. Nessa lógica, acredita-se que este estudo tenha contribuído com novos conhecimentos à comunidade acadêmica, servindo como um catalisador para futuras investigações e possibilitando o desenvolvimento de intervenções terapêuticas voltadas para o aprimoramento da empatia em contextos neurodiversos.

A constatação desse estudo destaca que a ampliação de compreender e reconhecer as diversas manifestações da empatia em diferentes contextos, contribui para uma visão mais inclusiva e abrangente das experiências humanas, reforçando a necessidade contínua de

pesquisas que enriqueçam nosso entendimento sobre a empatia e suas nuances, particularmente em contextos relacionados ao TEA.

AGRADECIMENTOS

O agradecimento é voltado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq e da UFPB (PIBIC/CNPq/UFPB) pelo apoio financeiro concedido. A gratidão estenda-se à professora Lilian Galvão, por sua dedicada orientação e valiosa experiência ao longo de todo o processo, bem como a todos os envolvidos neste projeto, participantes do estudo, colegas, amigos e familiares, que apoiaram e incentivaram nossa jornada científica.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIÁTRICA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR)**. 5. ed. Washington: Associação Psiquiátrica Americana, 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo. Edições**. 2011

BAREA, R. et al. **O tema da empatia em Edith Stein**. 2015. Tese (Mestrado em Filosofia) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2015.

BOS, J. STOKES, M, A. A empatia cognitiva modera a relação entre a empatia afetiva e o bem-estar em adolescentes com transtorno do espectro do autismo, **European Journal of Developmental Psychology**, v. 16, n. 4, p. 433 – 446, 2018.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução Nº 510, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>

COPLAN, A; GOLDIE, P. **Empathy: Philosophical and psychological perspectives**. Oxford University Press, 2011.

DAVIS, M. H. A multidimensional approach to individual differences in empathy. **JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology**, v.10, p.85, 1980.

FILGUEIRAS, G. B. et al. Aspectos neurobiológicos e sociais da evolução da empatia humana. **Psicologia e Análise do Comportamento: Pesquisa e Intervenção. Londrina, Paraná: UEL**, 2019.

GEREMIAS, A. O.; ABREU, M. A. B.; ROMANO, L. H. Autismo e neurônio-espelho. **Revista Saúde em foco**, v. 9, n. 1, p. 171 – 176, 2017.

HOFFMAN, M.L. **Empathy and moral development**: Implications for caring and justice.

KILROY, E. et al. Motor performance, praxis, and social skills in autism spectrum disorder and developmental coordination disorder. **Autism Research**. v.15, n.9, p.1649 – 1664, 2022.

JONES, A. P. et al. Feeling, caring, knowing: different types of empathy deficit in boys with psychopathic tendencies and autism spectrum disorder. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 51, n. 11, p. 1188 – 1197, 2010.

PEREIRA, L. T. K.; GODOY, D. M. A.; TERÇARIOL, D. Estudo de caso como procedimento de pesquisa científica: reflexão a partir da clínica fonoaudiológica. **Psicologia: Reflexão e crítica**, v. 22, p. 422 – 429, 2009.

REIS, S. T.; LENZA, N. A Importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: uma revisão da literatura. *Revista Atenas Higeia, [S. l.]*, v. 2, n. 1, p. 1 - 7, 2019.

ROZA, S. A. GUIMARÃES, S. R. K. Empatia afetiva e cognitiva no Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa da literatura. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, 2021.

SANTOS-DIAS, D.; LOPES, R.; ZANON, R. AS BASES DESENVOLVIMENTAIS DA EMPATIA: UM MODELO TEÓRICO INTEGRATIVO. **Revista de Psicologia, Educação e Cultura**, v. 26, n. 2, p. 55 – 72, 2022.

SANTOS, R. A. **Qual a importância do diagnóstico e tratamento precoce no transtorno do espectro autista (TEA)?**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Faculdades Atibaia, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia da Faculdades Atibaia, 2017.

SENLAND, A.K. D'ALESSANDRO, A.H. Raciocínio moral e empatia em adolescentes com transtorno do espectro do autismo: implicações para a educação moral, **Journal of Moral Education**, 42:2, 209 – 223. 2013.

VILAS, S. P. et al. An Investigation of Behavioural and Self-Reported Cognitive Empathy Deficits in Adolescents With Autism Spectrum Disorders and Adolescents With Behavioural Difficulties. **Frontiers in Psychiatry**, v.12, 2021.